

capa

FESTAS DE FIM DE ANO MOVIMENTAM A ROTINA DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE, PACIENTES E ACOMPANHANTES EM HOSPITAIS ONCOLÓGICOS

Efeito de Natal

O fim do ano é um momento de esperança e renovação. Nos hospitais oncológicos não é diferente. Profissionais de saúde, pacientes e acompanhantes alteram suas rotinas para participar das festas – em casa e na unidade de saúde – e preparam-se para a chegada de um novo ano. Além da movimentação para as comemorações, algumas mudanças estratégicas são colocadas em prática para adaptar a rotina das instituições, como escalas das equipes e o prolongamento dos horários de visita, para que as pessoas internadas possam passar a noite de Natal e de ano-novo com seus familiares.

Ângela Cói, gerente da Área de Apoio Técnico e Administrativo do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), dedicou cinco dos seus 28 anos na instituição a plantões como enfermeira do Centro de Tratamento Intensivo. Ela reco-

nhece que, nesta época do ano, os pacientes costumam estar mais motivados em relação ao tratamento e à recuperação, com a expectativa de passar o Natal e o ano-novo em casa, com a família. “A força de vontade é fundamental para o tratamento oncológico e o processo de recuperação do paciente. Analisamos caso a caso com todo o cuidado e, quando possível, liberamos os pacientes do hospital, já que estar perto da família e dos amigos também é importante para o seu bem-estar”, afirma.

Ângela conta que, para atender às especificidades desse período, a instituição opta pela flexibilização de algumas normas e abre a possibilidade de mais de um familiar acompanhar o paciente. “Cada situação é discutida com os profissionais do Serviço Social e da Psicologia, que avaliam a possibilidade de liberar a permanência de mais um acompanhante nas



Foto: arquivo do INCA



noites de Natal e do ano-novo. É um detalhe que faz a diferença para crianças, que podem passar a meia-noite ao lado do pai e da mãe, e também para os pacientes adultos e idosos, que podem ter a companhia de cônjuges e filhos”, exemplifica.

“Analisamos caso a caso com todo o cuidado e, quando possível, liberamos os pacientes do hospital, já que estar perto da família e dos amigos também é importante para o seu bem-estar”

ÂNGELA CÓE, gerente da Área de Apoio Técnico e Administrativo do INCA

No Hospital A. C. Camargo, em São Paulo, a orientação é que, sempre que possível, os pacientes internados sejam liberados para passar o Natal e o ano-novo em casa, retornando em seguida. Os casos mais graves permanecem no hospital e, para melhor acolhê-los, algumas regras para os acompanhantes também são flexibilizadas. Para a coordenadora da Escola da Pediatria do Hospital A. C. Camargo, a pedagoga Rosemary Viccari, a época de final de ano é um momento significativo para os pacientes oncológicos fortalecerem o vínculo com a vida e com a alegria – o que é fundamental para o sucesso do tratamento.

A animação começa desde os preparativos da tradicional festa de Natal – etapa que conta com a participação de pacientes pediátricos e adultos, acompanhantes e profissionais de saúde. “Todos os anos, uma festa de Natal reúne 300 pacientes em tratamento, familiares e a equipe clínica no anfiteatro de uma universidade próxima ao hospital. Para contemplar as pessoas que permanecem internadas, um grupo vai até a nossa sede para distribuir presentes e fazer apresentações culturais, como esquetes teatrais e corais”, conta Rosemary.

O final do ano também é uma época corrida para a Escola Pediátrica do Hospital A. C. Camargo, que trabalha de forma integrada aos colégios dos pacientes com até 21 anos. “É preciso concluir as tarefas, ajudar os alunos que estejam com alguma dificuldade, enviar os relatórios às escolas

originais dos pacientes, enfim, fechar o ano”, relata Rosemary. Tarefa cumprida, todos participam da festa de final de ano e comemoram a chegada do recesso escolar. “Nosso papel é promover a escolarização dos pacientes, com vistas a um futuro melhor. Mas também fortalecer o vínculo com a vida, com a esperança, com a alegria. E as atividades de final de ano são essenciais nesse processo”, conclui.

A enfermeira Andréa Lago, chefe do Setor de Oncologia do Hospital São Vicente de Paulo, no Rio de Janeiro, conta que a movimentação de final de ano influencia a rotina de profissionais e pacientes do ambulatório da unidade. “Como as atividades são interrompidas em finais de semana e feriados, é preciso reorganizar antecipadamente as agendas, para que os protocolos dos pacientes sejam seguidos à risca”, enfatiza. Na prática, isso significa um mutirão para que tudo ocorra da melhor forma possível para os pacientes – o que pode incluir muitas horas extras. “Muitos pacientes em tratamento ambulatorial aproveitam esta época do ano para viajar com a família, o que certamente traz benefícios para o tratamento. Articular as agendas dos profissionais, a programação social dos pacientes e os protocolos de tratamento exige organização e planejamento – uma tarefa que começa muito antes do Natal”, descreve a enfermeira.

APOIO EMOCIONAL

A humanização da atenção aos pacientes que permanecem internados no período de final do ano é fundamental para prevenir quadros de depressão, sobretudo entre as pessoas que são levadas por seus familiares ao hospital. “Infelizmente, alguns familiares preferem deixar os pacientes no hospital e viajar. Não se trata da maioria, mas é perceptível o aumento, a partir do dia 23 de dezembro, do número de pessoas na Emergência, solicitando a internação de seus parentes. Em geral, são pacientes idosos, que demandam muito cuidado”, revela Ângela Cóe.

Por isso, toda a equipe se esforça para garantir que as noites de Natal e de ano-novo não sejam nada tristes, pelo contrário. “É reconfortante para o paciente saber que a equipe está ali, junto com ele, neste momento. Para nós, não é sacrifício nenhum trabalhar neste período – faz parte da profissão que escolhemos. Com ou sem família, nenhum paciente fica sozinho”, garante a enfermeira.



Foto: arquivo do HSVP

“Muitos pacientes em tratamento ambulatorial aproveitam esta época do ano para viajar com a família. Articular as agendas dos profissionais, a programação social dos pacientes e os protocolos de tratamento exige organização e planejamento – uma tarefa que começa muito antes do Natal”

ANDRÉA LAGO, chefe do Setor de Oncologia do Hospital São Vicente de Paulo

A chefe do Setor de Psicologia do INCA, Ana Cristina Waissman, ressalta que esta é uma época delicada para os pacientes e seus familiares, que se sentem mais sensibilizados e, principalmente, temerosos em relação à morte. Segundo a especialista, a demanda pelo apoio psicológico começa a crescer no fim de outubro e início de novembro. “O mês de dezembro é caracterizado por um aumento dos quadros de depressão e angústia existencial. Principalmente entre os pacientes que não têm chances de sair do hospital para passar as festas em casa. Há uma mobilização da equipe para mantê-los emocionalmente estáveis, uma vez que a motivação influi diretamente no sucesso do tratamento oncológico”, defende Ana Cristina.

Muitos pacientes e familiares constroem uma relação de proximidade com os profissionais de saúde e fazem questão de entregar presentes aos enfermeiros e médicos que os acompanham durante o tratamento.

Ângela Cóe lembra que, durante a gravidez de sua filha, recebeu um conjuntinho de bebê, tricotado pela esposa de um paciente durante a internação dele. “Nós nos esforçamos para não nos envolver emocionalmente com os pacientes, mas muitas vezes isso não é possível. E, de fato, nos tornamos bem próximos de algumas famílias. É indescritível o carinho que recebemos”, revela.

No Hospital do Câncer I (HC I), do INCA, a situação é ainda mais delicada entre os pacientes laringectomizados da Seção de Cirurgia de Cabeça e Pescoço – muitos deles ex-dependentes de álcool e drogas e com estrutura familiar fragilizada. Nesse contexto, a gerente de Enfermagem da unidade, Ailse Bittencourt, afirma que o acolhimento e a humanização são preponderantes na atenção à saúde. “Os pacientes, especialmente os da seção de Cabeça e Pescoço, sofrem com o distanciamento da família e a solidão. A proximidade dos profissionais de saúde ajuda a suprir essa carência e é fundamental para



que eles tenham força para seguir com o tratamento. Muitos nos tratam como se fôssemos da família. É uma experiência tão marcante que até hoje recebo ligações de ex-pacientes desejando feliz Natal e próspero ano novo”, emociona-se Ailse.

“Dedicar as nossas vidas ao cuidado de outras pessoas é algo fortemente recompensador. Nós precisamos administrar essa tristeza nos motivando com o trabalho que realizamos”

IONE DE SOUZA FERREIRA, médica do CTI do Hospital do Câncer I/INCA

A TURMA DO PLANTÃO

No INCA, o período de fim de ano é oportunidade para estimular o entrosamento entre os colaboradores de diferentes áreas do hospital. Como há uma redução na quantidade de procedimentos cirúrgicos, há também menos internações e, com isso, é possível reunir pacientes de diferentes setores nas mesmas alas de enfermaria, o que aproxima os profissionais envolvidos. Para incentivar esse processo – e também para estimular os pacientes que permanecem internados

nas noites de Natal e de ano-novo –, são organizadas ceias, sempre respeitando as normas de biossegurança hospitalar. “Essas festas reúnem funcionários do plantão, pacientes, acompanhantes e voluntários e são importantes porque amenizam a tristeza e a ansiedade dos pacientes e ajudam a esquecer um pouco os problemas relacionados à doença. Os resultados são notados sobretudo na Pediatria, onde há uma movimentação maior de voluntários, que distribuem brinquedos para as crianças”, descreve Ângela Cóe.

A enfermeira do INCA explica que os plantões dos profissionais de assistência, como enfermeiros, psicólogos e fisioterapeutas, são de 12 horas, o que lhes permite passar parte das datas comemorativas com a família e parte com os colegas de trabalho. “Dessa forma, quem passar a meia-noite dos dias 24 e 31 de dezembro no trabalho estará em casa para o almoço de família no dia seguinte, e vice-versa. Esse esquema fortalece os laços entre os profissionais e o resultado é uma equipe mais unida e coesa”, pontua Ângela.

Já para os médicos, o plantão é de 24 horas. No HC I desde 1986, a médica Ione de Souza Ferreira, da equipe de pós-operatório do CTI, já participou de vários plantões nas noites de Natal e de ano-novo. Ela reconhece que é difícil estar longe da família nessas datas, mas garante que a proximidade com os colegas e o retorno afetivo dos pacientes compensam o esforço. “Dedicar as nossas vidas ao cuidado de outras pessoas é algo fortemente recompensador. Nós precisamos administrar essa tristeza nos motivando com o trabalho que realizamos. Não é nada impossível de ser superado”, ensina Ione. ■



Foto: arquivo do INCA